

economia



Observador

Affonso Ritter

aritter20@gmail.com

Atraso em condomínio

Atrasar a taxa de condomínio pode trazer consequências que vão muito além da incidência de juros e multa. A dívida pode ser cobrada judicialmente desde o primeiro atraso e, em situações mais avançadas, levar à penhora e ao leilão do próprio imóvel, segundo o advogado Raphael Medeiros. Por outro lado, a existência do débito não dá ao síndico liberdade para adotar qualquer estratégia de cobrança. Expor o morador em grupos de WhatsApp, divulgar listas de inadimplentes ou impedir o acesso à piscina, academia e outras áreas comuns são exemplos de medidas que podem ultrapassar os limites legais e gerar problemas para o próprio condomínio.

Endurecimento da imigração

O governo Donald Trump deu mais um passo no endurecimento da imigração legal nos Estados Unidos. O Departamento de Estado suspendeu temporariamente as entrevistas para vistos de imigrantes em embaixadas e consulados americanos ao redor do mundo enquanto treina agentes consulares para aplicar de forma mais rigorosa a regra de public charge, usada para avaliar se um candidato à residência permanente poderá depender de assistência pública no futuro.

A novidade em Nativa SPA

Conhecidas como um dos ingredientes mais queridos de Nativa SPA, as ameixas ganham uma nova versão no portfólio do Boticário. A marca lança Nativa SPA Ameixa Intensa, uma experiência olfativa que combina perfumação mais potente aos benefícios de hidratação e cuidado com a pele característicos da linha - que conta com Creme Desodorante Perfumado Corporal, Body Splash Desodorante Colônia, Óleo Glorioso Corporal Perfumado, Esfoliante Açucarado Corporal e Sabonete em Barra.

Churras alçando novos voos

O podcast A Voz do Churrasco firmou uma parceria com a Azul Linhas Aéreas fomentando a economia através do turismo. A iniciativa oferece 20% de desconto na emissão de passagens aéreas, por meio da promoção de churras, para viagens aos destinos que recebem eventos parceiros do podcast. Em setembro de 2026, a parceria segue em dois eventos. Com o Acampamento Farroupilha, em Porto Alegre, e no Wine Locals Festival, em São Paulo.

Livro sobre mães atípicas

A Faculdade de Direito da Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP) promove, nesta quinta-feira, às 18h, o lançamento do livro Quem Cuida de Quem Cuida? da egressa Geórgia Manfroi, sobre a realidade de mães atípicas. O evento será no auditório da instituição, em Porto Alegre, com mediação de Raquel Fabiana Lopes Sparemberger. A atividade é aberta ao público e haverá venda de exemplares.

Farofa da Dupla Grenal

O mercado de licenciamento esportivo atrai marcas de alimentos ao transformar a paixão do futebol em receita. De olho nesse grande potencial econômico, a empresa de produtos alimentícios El Capitan, com sede em Porto Alegre, lançou linhas oficiais do Grêmio e do Internacional. Com a farofa de 370g e o sal de 500g. A novidade busca aquecer o consumo dos torcedores já atentos também às demandas do clássico Gre-Nal e os festejos farroupilhas que acontecem em setembro de 2026.

Transporte rodoviário de cargas

O Transporte Rodoviário de Cargas (TRC) ocupa posição essencial na cadeia logística brasileira. Diariamente, as empresas transportadoras conectam indústrias, produtores, centros de distribuição, comércio e consumidores, garantindo o abastecimento e a circulação de produtos entre diferentes regiões do país. Fortalecer essas empresas significa contribuir diretamente para uma cadeia logística mais eficiente, competitiva e preparada para os desafios do mercado.



Estágio: o que as empresas podem oferecer

Antes de oferecer uma oportunidade de estágio, vale entender duas coisas: onde estão os estudantes e o que eles esperam para seu desenvolvimento. No CIEE-RS, os maiores contingentes em busca de aprendizado prático estão no Ensino Médio e nos cursos de Administração — superior e técnico —, Direito, Pedagogia, Marketing, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Arquitetura e Gestão Comercial.

Indústria química do País apresenta agenda até 2035

Medidas incluem plano nacional para matérias-primas petroquímicas

/ INDÚSTRIA

Jefferson Klein, de São Paulo

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Aproveitando o período eleitoral para tentar sensibilizar os candidatos quanto às dificuldades enfrentadas nos últimos anos, a indústria química apresentou nesta terça-feira (1), em São Paulo, uma agenda estratégica para o setor para o período de 2027 a 2035. A iniciativa, capitaneada pela Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), entre outras metas, busca reduzir a dependência dos itens químicos importados e aumentar a capacidade de produção local.

Entre as medidas sugeridas estão a formatação de um planejamento nacional para matérias-primas petroquímicas, consolidação de um mercado competitivo de gás natural, redução de encargos energéticos, previsibilidade logística e posicionar o Brasil como líder global na produção de químicos renováveis, reciclados e de baixo carbono. Também é defendida a manutenção e ampliação do Programa Especial de Sustentabilidade da Indústria Química (Presiq), que prevê incentivo fiscal para o segmento.

O presidente-executivo da Abiquim, André Passos Cordeiro, ressalta que a ideia das propostas é contribuir para o desenvolvimento econômico do País. O dirigente salienta que, quando o segmento químico reduz sua competitividade e produtividade, os setores ligados a ele também sentem o impacto dessa perda. “E nós não temos visto agendas (dos candidatos às próximas eleições) quanto à atividade produtiva brasileira, quanto ao chão de fábrica”, afirma o representante da Abiquim.

Hoje, de acordo com o presidente-executivo da Abiquim, aproximadamente 50% do consumo de químicos no Brasil é proveniente de importações. Ele frisa que esse percentual, há cerca de duas décadas, era metade desse patamar. Além disso, o dirigente assinala que a capacidade ocupada das unidades de químicos no País está na ordem



Iniciativa busca reduzir a dependência dos itens químicos importados

de apenas 64%.

“Não precisaríamos estar nessa situação”, lamenta Cordeiro. Ele enfatiza que o Brasil não tem problemas, por exemplo, como oferta de matéria-prima, mercado consumidor ou atender à pauta de descarbonizar sua produção. Para debater de forma unificada essas questões, uma ideia levantada pela Abiquim é que seja criado pelo governo federal um Conselho Nacional de Competitividade Industrial, vinculado à presidência da República. Além disso, Cordeiro adianta que é necessário fazer uma harmonização da metodologia de definição das tarifas das distribuidoras de gás natural, que difere de estado para estado.

Já a presidente para a América Latina da Solvay-Rhodia, Daniela Manique, compara que a indústria química norte-americana ressurgiu com o shale gas (gás de xisto), que possibilitou uma oferta de matéria-prima mais barata. Essa condição não se percebe no cenário brasileiro, segundo ela. “O Brasil tem o custo de gás (natural) mais caro do mundo”, aponta Daniela.

Ela informa que o combustível no País é comercializado a US\$ 13 a US\$ 14 o milhão de BTU, o que é cerca de quatro vezes o preço praticado nos Estados Unidos e na China. A líder regional

da Dow no Brasil, Mariana Orsini, acrescenta que as empresas químicas também buscam privilegiar matérias-primas renováveis e o futuro está no mercado de produtos de baixo carbono. “Então, a indústria química brasileira pode ser uma indutora da transição energética”, argumenta a executiva. Porém, ela enfatiza que é preciso ter custos acessíveis para esses insumos.

Já o diretor-presidente da Indorama Ventures Polímeros - LATAM, Maximilian Yoshioka, sustenta que é preciso fazer uma defesa comercial da indústria nacional, com práticas equitativas de competição em relação aos produtos estrangeiros. “Queremos garantir a utilização dos nossos ativos”, diz Yoshioka.

Conforme dados da Abiquim, entre 2007 e 2025, o déficit comercial da indústria química nacional aumentou de US\$ 13,3 bilhões para cerca de US\$ 60 bilhões, enquanto a dependência de importações passou de 27% para em torno de 50% da demanda interna.

Por fim, o presidente do Grupo OCQ, Francisco Fortunato, alerta que os investimentos em produção e pesquisa vêm caindo no setor químico. “Estamos abrindo mão do nosso futuro e isso pode ser irreversível”, adverte o dirigente.